



Ofélia

Lucia Castanho

Curadoria Fabio Magalhães

Sobre a onda calma e negra onde dormem as estrelas
A branca Ofélia flutua como um grande lírio,
Flutua tão lentamente, deitada em seus longos véus...
Ouvem-se nos bosques longínquos toques de rendição...

Eis que mais de mil anos que a triste Ofélia
Passa, fantasma branco, sobre o longo rio negro,
Eis que mais de mil anos que sua doce loucura
Murmura seu romance à brisa da tarde.

O vento beija seus seios e exhibe em corola
Seus grandes véus embalados molemente pelas águas;
Os salgueiros arrepiados choram sobre seu ombro,
Sobre sua fronte sonhadora inclinam-se os juncos.

Os nenúfares ressentidos suspiram em volta dela;
Ela desperta por vezes num amieiro que dorme,
Algum ninho, de onde escapa um pequeno frêmito de asa:
Um canto misterioso baixa astros de ouro.

Trecho de Ofélia de Arthur Rimbaud / Tradução: Yara Azevedo Cardoso

Realização



Patrocínio



Apoio



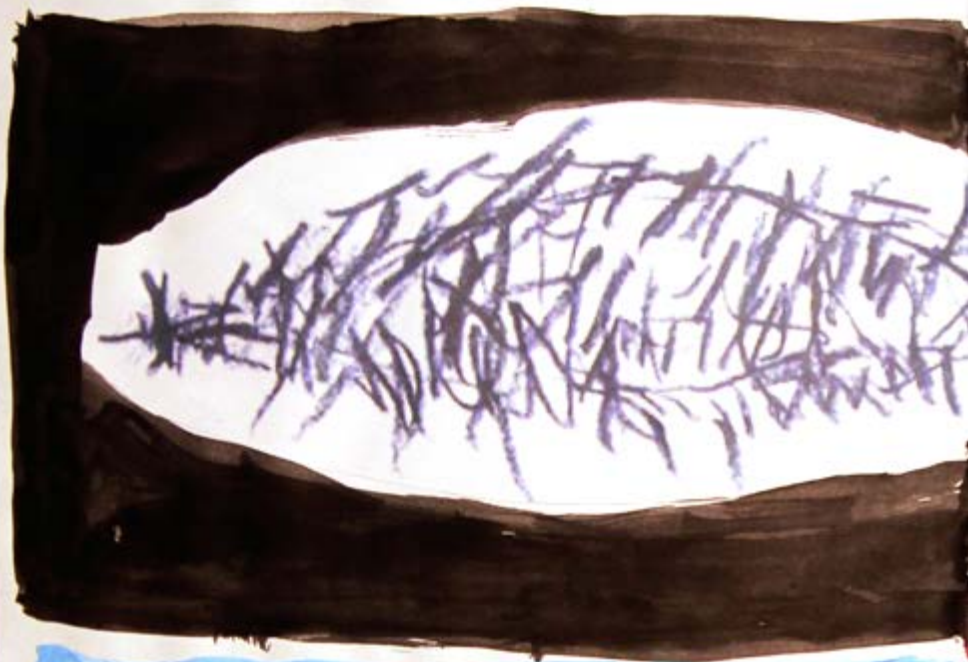
Projeto realizado com o apoio do Governo do Estado de São Paulo,
Secretaria da Cultura, Programa de Ação Cultural 2012

O f é / i a

Lucia Castanho

Curadoria Fabio Magalhães

MACS Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba
28 de SETEMBRO - 27 de OUTUBRO 2013



A pintura eo desenho colaboraram
se realizarem, pois não eram palpáveis e isso
em questão menos periférico, menos real,
comecei a produzi-los foi dimensionalmente
mais reais?

Falarei ao falar da meditação em
a imagem pelo. como circunstância tal
a possibilidade de substituir a imagem
"a explicação das, a começar com os de dor,
da representação das imagens calvícia



pare que im
formava o objeto
meu factual.
na sentu-los

tie o homem e
pánel entatige
pel top lo;
os elementos
los efim de

SUMÁRIO

Apresentação	11
Objetos	21
Fotos	35
Tatoos	61
Performance	69
Lucia Castanho	79
Fabio Magalhães	81
Ficha técnica	82

O tema shakespeariano de Ofélia ressurgiu na arte contemporânea. Hoje, muitos artistas, sobretudo, artistas mulheres, voltaram a se interessar pela representação dessa heroína, tão difundida pelos pintores pré-rafaelitas no final do século XIX. Algumas das poéticas abordadas no passado são retomadas no presente e o tema provoca novas inquietações. O drama de Ofélia suscita inúmeras metáforas para o mundo atual, algumas de forte conteúdo existencial. O mergulho ao vazio, ao nada, à vida estéril, representa angústias presentes no nosso cotidiano, na banalidade da sociedade de consumo.

Lucia Castanho reconstruiu a figura trágica e frágil da Ofélia, imergiu sua sensibilidade de artista nos devaneios e tristezas da heroína e na multiplicidade dos significados, inclusive interpretando as ambiguidades do texto, decorrentes do modo indireto como a personagem de Ofélia foi elaborada por Shakespeare. Ofélia pouco fala, diz pouco de si mesma, é descrita sempre por meio da fala de outros e da visão deturpada de Hamlet, ou da narrativa idealizada da Rainha Gertrudes ao descrever para Laerte a morte de Ofélia:

*"(...) E então tombaram ela e seus troféus floridos
No plangente riacho. Suas roupas se abriram,
E, como uma sereia, boiou por instantes.
E aí entoou refrões de antigas cantorias
Como alguém insensível à própria agonia (...)"*

Lucia Castanho se envolveu, ela mesma, com o destino trágico e delirante de Ofélia. Lucia é Ofélia. A artista teceu, ela mesma, longos e diáfanos vestidos, e produziu troféus floridos, de frágeis flores. Mas ao contrário da tresloucada heroína que parecia insensível à própria agonia, Lucia se comove e apela : *Ofélia, não chore! Ofélia, não morra!*

Na construção da Ofélia morta, Lucia Castanho refaz muitos dos símbolos que aparecem na famosa tela de Millais. A papoula vermelha, que representa o sono e a morte; a guirlanda de violetas, que simboliza a castidade, a morte prematura. Com todos esses adereços, Lucia Castanho ritualizou o afogamento e o transformou em espetáculo de refinada sensibilidade, de delicada beleza, mas sem perder o sentido trágico e cruel da morte.

*“Ainda permanece em nós
a mulher da era vitoriana, a
figura criada pelos homens, e
continuamos provocando neles
o desejo de nos ver mortas.”*



O que vemos e o que nos olha, esta é uma das questões do filósofo Didi-Huberman, sobre o ser humano e a observação de uma urna mortuária. O que está diante dele, anteriormente vivo, agora, em outro momento, habita um caixão. Olhamos para algo que foi e que em algum momento deixou de ser. No exato momento em que se transforma em algo sem vida, os nossos olhos buscam algo mais. A questão não é (unilateral) olhar para o objeto e o que ele contém, e sim a reciprocidade, ele também nos olha e nos faz perguntas, nos questiona e assim se mantém diante de nós, à espera. Nos mantém assim diante de um curto espaço de tempo, como se pudéssemos parar o relógio, olhar para aquilo que foi e, assim, as memórias voltassem à tona e um diálogo se estabelecesse.



"Ofélia pode ser a minha ferida. Descobrir a figura da Ofélia e representá-la é uma forma de mexer e deixar exposta esta ferida."

Olhar para a figura de Ofélia do artista plástico Millais, pintada no século XIX, flutuando sobre as águas me coloca em posição de espera. Ela veio ao meu encontro no momento em que eu a procurava e nela buscava respostas. As tentativas de fugir desse olhar foram em vão, descobri que preciso responder uma a uma as questões que ela me faz e também ouvir o que tem a me dizer. Ela me olha e descobre em mim pequenas ideias que temos em comum. Essa figura me coloca diante de questionamentos sobre a vida e quem sou, como artista-mulher e como eu gostaria de ser vista.

Entre o passado dessa figura emblemática e o presente em que vivo, encontro permissões para que eu possa ser uma artista-mulher. Ou seria uma mulher-artista? Permanece um grande abismo entre o que sou e a forma como sou vista. Entre a mulher do século XIX e a mulher que sou, muito foi conquistado, desde o direito a se profissionalizar e fazer suas próprias escolhas até a opção pelo casamento e maternidade. Mas na realidade, somos vistas primeiro como esposas, mães e, por último, artistas. Ainda permanece em nós a mulher da era vitoriana, a figura criada pelos homens, e continuamos provocando neles o desejo de nos ver mortas. A personagem Ofélia foi idealizada, primeiramente, por Shakespeare, no século XVII.

Olho para a pintura da Ofélia e me vejo à espera de algo que não sei o que é, os dias passam com horas infundáveis de tédio. Ofélia parada no tempo se revela e me convida a desvendá-la: entre a arte, a realidade, a pintura e



a modelo que representa Ofélia, busco a minha identificação. Organizo espaços, roupas e o personagem, busco algo comum a todo e qualquer artista: o resultado final. Mas sei que não posso chegar ao resultado sem antes me colocar realmente em seu lugar, ou o não lugar da figura feminina, que esteve e está sempre em busca de respostas.

Criação

Os objetivos são muitos enquanto criamos, deixo de ser a pessoa que sou para construir um personagem, passo do real para a mais absoluta ficção. Assim me identifico com Ofélia, inegavelmente fictício, e de alguma forma, atinge a minha realidade, a minha vida.

Às vezes, fecho os olhos para a figura da Ofélia, fecho os olhos para mim e tento evitar sua figura. Tento ignorar os pedidos que me faz, as perguntas que não quero responder, descubro que também temos em comum o desejo de fugir dos problemas reais.



“A morte talvez resolva o problema de forma rápida e cruel, talvez ela cale e leve com ela todos os problemas, todos os anseios, toda a insatisfação da alma.”

O tema morte está cercado de melancolia, estamos entre o medo da alma e a não coragem do corpo, estamos entre a dor e a dor, sem saída.

Construir o mundo a partir do trabalho artístico, a partir das imagens, a partir da Ofélia que não sou preenche o meu vazio, o meu não ser. Toco em um ponto que muito me interessa: uma ferida.

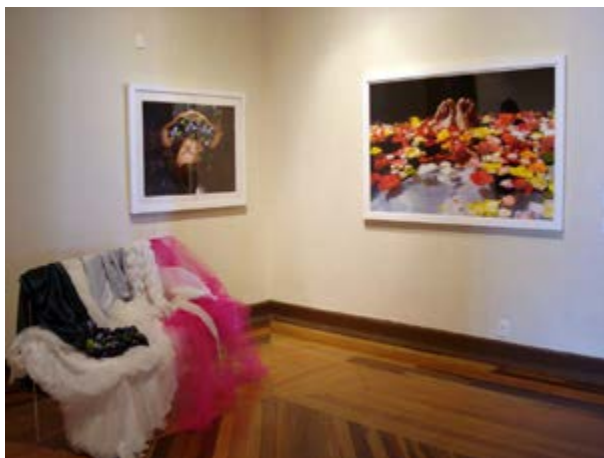
A ferida não existe como tal, simplesmente está presente entre toda a dor dentro da alma.

Ofélia pode ser a minha ferida. Descobrir a figura da Ofélia e representá-la é uma forma de mexer e deixar exposta esta ferida.

Volto meu pensamento para a minha produção enquanto artista e verifico o quanto tenho vivido essa personagem, mesmo que somente em meu trabalho.

Meu corpo artista, mãe, mulher passa por naufrágios diários.

Enquanto deixo meu corpo flutuar, sou um corpo vivo, enquanto artista que representa a Ofélia e, morto, desejo ser compreendida por aqueles que me cercam. Fui ao encontro das mulheres que morreram por amor, por loucura, por paixão ou por desespero. Durante quatro anos refiz a cena para tentar descobrir o porquê. Passei este tempo flutuando sobre a mesma água, percorrendo caminhos semelhantes, muito próximas, e o nosso diálogo enquanto Ofélia permitiu me desenvolver esta série de fotografias.





Sepulto assim minhas ideias, sobre quem sou e o quem poderia ser. A morte talvez resolva o problema de forma rápida e cruel, talvez ela cale e leve com ela todos os problemas, todos os anseios, toda a insatisfação da alma. Essa representação da morte me propicia morrer muitas vezes, todos os dias me permite refletir sobre estas perdas e supostamente me deixa mais resistente.

Essa representação da morte me faz refletir sobre o quanto existe de real e de irreal na arte, o quanto ela imita a vida e vice versa. Ver o corpo de Ofélia e me ver ali, somos eu e todas as mulheres afogadas no passado e no presente. São mortes diárias das quais não nos damos conta, sempre no anseio por aquela que será definitiva.

Temos a arte. Artistas ou não, temos a arte, a estética como algo que nos mantém resistentes à morte diária. O corpo é mortal, a arte nos

mantém eternos. Olhar para o corpo da Ofélia é como olhar para o meu, para a minha própria morte. O diálogo que travo com Ofélia desde o início, na busca de me salvar enquanto mulher, de não colocar limites, de não dar fim ao meu corpo e sim transformá-lo em objeto para obter respostas.

Tanto seu corpo como o meu sofrem, pensam, esquecem e morrem. O corpo pesa. Olhar para mim e ver tudo que perdi. O meu corpo-Ofélia. Olho para ela e olho para mim. Objeto de arte que me salva. Imagens se sucedem. As ilusões indo embora.

Entre mim e Ofélia deu-se um encontro e desse encontro surgiu em mim esse profundo desejo de diálogo. Entre mim e a Ofélia de Millais aconteceu esse fenômeno, foi nela que me espelhei para produzir centenas de imagens.

O que existe “entre” mim e a imagem da Ofélia é o que transforma as coisas, os seres, a vida. Ela tem o poder de causar algo que me modifica e de certa forma se impõe para que eu busque novas formas de construir estas imagens.

As imagens se formam dentro de nós e as colocamos para fora, para que tenham autonomia e vivam por si. Elas penetram dentro de nossas almas e saem transformadas em arte.

São muitas questões a serem respondidas sobre essa obra tão complexa e com acontecimentos intrincados que se resolvem de forma trágica. Toda a tragédia que envolve a figura da Ofélia é o que dá continuidade ao meu trabalho.

Colocar as imagens para fora de nós também tem outra função, que é a de substituição.

Nas fotos que produzo, a imagem da morte tem como um dos objetivos substituir algo que causa medo, algo que temo e que necessito exteriorizar.

Sinto exatamente isto ao olhar para a Ofélia e na verdade olhar para a morte e querer saber mais sobre ela, sobre o que eu não vejo, o que eu não sei.

Olho para a imagem da mulher morta e o que sinto é incompreensão. Que tipo de atração existe em volta dessa imagem?

Trago para os dias atuais essas referências e percebo que nós mulheres nos tornamos invisíveis, desaparecemos diante dos olhos de todos, nos tranca-mos atrás de portas e somos dadas como mortas.

Ofélia me livra dessa angústia, do medo do que virá, é a minha forma de enfrentar o desconhecido, talvez a minha condição de mulher que morre diariamente e é possível somente suportar a realidade através da arte.





OBJETOS



























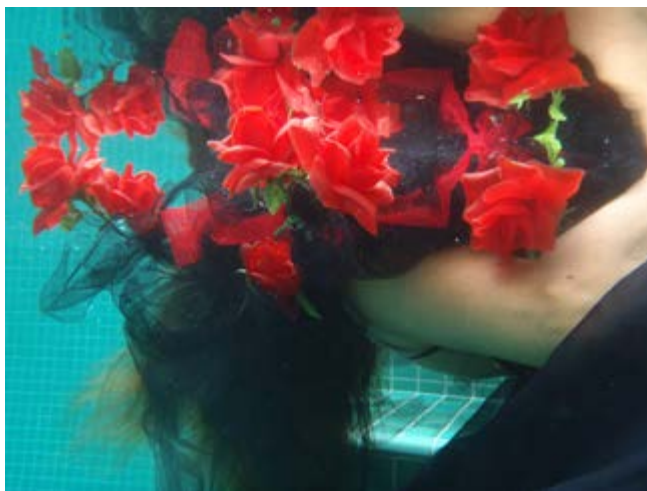
Small white label with text, likely an artist's name or title.





FOTOS































1881
The Death of the Virgin
by John Everett Millais























TATOOS



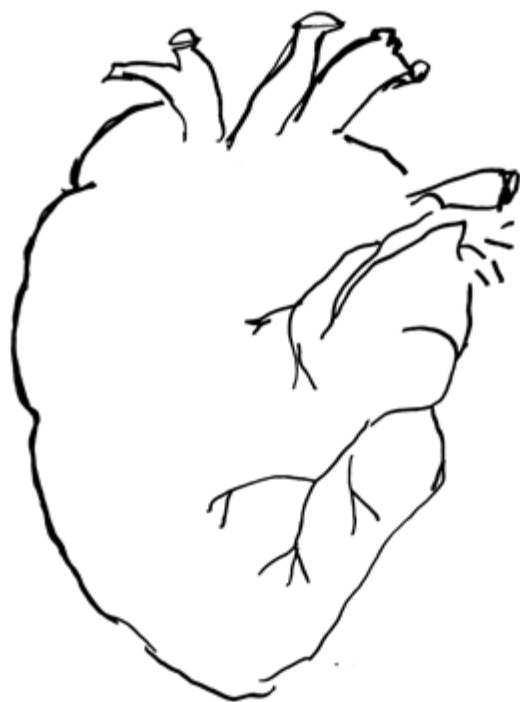
MINHA ALMA
COSTURA VEIAS



MINHA ALMA
COSTURA VEIAS







Coração
de
Ofélia



Coronary
Arteries





PERFORMANCE OFÉLIA É MORTA



















Lucia Castanho

Nasceu em Sorocaba - SP, é professora e pesquisadora dos cursos de Artes Visuais, Design e Arquitetura da UNISO - Universidade de Sorocaba.

Realizou em 2005 o mestrado em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo e em 2013 concluiu doutorado em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo. É sócia fundadora do MACS - Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba.

Artista multimídia, ultimamente tem se dedicado a foto performances nas quais o objeto de estudo é a mulher e seus papéis na sociedade atual. A imagem de Ofélia, personagem de Shakespeare em Hamlet, retorna ao século XXI e provoca novas reflexões e representações visuais sobre a morte ou o desejo dela, assunto que é tema da exposição Ofélia.

Expôs suas obras em 1995 no Ateliê Calcográfico no SESC Pompéia – São Paulo e na exposição Retratos - Muro de Artes Gráficas no MAM - Museu de Arte Moderna – São Paulo, em 1996 na exposição Gesto Traçado no SESC – Sorocaba, em 2002 na Galeria Mônica Filgueiras – São Paulo, em 2012 na exposição coletiva Convergências em Portugal e em 2012 na Percursos Contemporâneos no MACS - Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba. Ganhou em 1990 o prêmio do 47º Salão Paranaense de Artes Contemporânea no MAC - Museu de Arte Contemporânea – Curitiba, em 1993 o prêmio da IV Bienal de Santos no Centro de Cultura Patrícia Galvão e em 1994 o prêmio da I Bienal de Gravura de São José dos Campos no SENAC. Possui obras no acervo do MASP - Museu de Arte de São Paulo, no MAM - Museu de Arte Moderna – São Paulo, no MAC - Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, no SESC – São Paulo, no Tableau – São Paulo, na Prefeitura Municipal de Piracicaba e no MACS - Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba.



Fabio Magalhães

Museólogo e crítico de arte, foi diretor do Masp, da Pinacoteca do Estado de São Paulo e presidiu a Fundação Memorial da América Latina. Realizou inúmeras curadorias no Brasil e no exterior. Atualmente é diretor artístico do MACS.

Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba

Presidente

Cristina Delanhesi

Vice-presidente

Maristela Alves Lima Honda

Primeira tesoureira

Paula Fernal

Segunda tesoureira

Maria Fernanda Stecca Stefan

Primeira secretária

Janice Honora de Almeida Prado

Segunda secretária

Maria Cristina Corazza Haddad

Conselheiros fiscais

Marcelo Rogério Martins Pereira

Marco Túlio Batista de Proença

Reinaldo Morato do Amaral

Silvia Helena Stecca Coelho (Suplente)

Conselheiros consultivos

Edan Shoher

Luiz Antonio Zamuner

Maria Amélia Sampaio

Sócios fundadores

Alexandre Pinto de Gusmão

Carlos Alberto de Souza Filho

Cristina Delanhesi

Jorge Alberto França Proença

Lúcia Castanho Barros Rampim

Marcelo Rogério Martins Pereira

Marco Túlio Batista de Proença

Maria Cristina Corazza Haddad

Maria Inês Moron Pannunzio

Maristela Alves Lima Honda

Paula Fernal

Pedro Lopes Soares

Reinaldo Morato do Amaral

Silvia Helena Stecca Coelho

Sócios efetivos

Alexandre Issa Latuf

Antônio Carlos Sampaio

Fabricio Henrique de Souza

Janice Honora de Almeida Prado

José Gerbovic

José Simões de Almeida Junior

Leosmar Gonzalez Martinez

Luiz Antonio Beldi Castanho

Maria Claudia Stecca

Maria Fernanda Stecca Stefan

Musse Stefan

Nilson Senne

Ruy Thadeu Latuf

Vera Lúcia Luvison

Diretor artístico

Fabio Magalhães

Coordenadora de projetos

Marta Silva

Assistente de diretoria

Jéssica Alves

Arquivista / Comunicação

Moreno Mota Dias

Administrador financeiro

Rodrigo Modena

Professores

Laura Matos
Paulo Edson

Advogados

Fábio Ricardo Scaglione
Thaís Queiroz Rui

Assessoria de Imprensa

Q! Notícia Comunicação

Agradecimentos

Bonaire Acrílico
IAB Núcleo Sorocaba
Juliana Simonetti
La Pasta Gialla
Secretaria de Cultura e Lazer de Sorocaba
Secretaria de Educação de Sorocaba
Secretaria de Educação do Estado de São Paulo

Exposição**Artista**

Lucia Castanho

Coordenação geral

MADRI Comunicação e Assessoria

Curador

Fabio Magalhães

Produtora

Jéssica Alves

Coordenadora de Desenho gráfico

Teresa Berlinck

Finalizador de desenho gráfico

Moreno Mota Dias

Iluminação / Montagem

Eletro Sales

Mediadores

Ana Laura Hoffart
Flávia Aguilera
Miranda Mota Dias
Willian Welbert



Av. Afonso Vergueiro, 280, Centro - Sorocaba-SP
Tel.: +55 (15) 3233-1692 macs@macs.org.br
www.macs.org.br
#soumacs